

PANDEMIA DA COVID-19: IMPACTOS PARA O CONTINENTE AFRICANO

COVID-19 PANDEMIC: IMPACTS ON THE AFRICAN CONTINENT

Recebido em: 11/08/2021

Aceito em: 07/02/2022

Rosário Martinho Sunde¹ 

Sónia da Conceicao Duarte Giquira² 

Lúcia Maurício³ 

Resumo: Este é um artigo de Revisão Sistemática da Literatura, cujo objetivo foi avaliar os impactos da pandemia da COVID-19 no continente africano. A coleta de dados foi realizada em fevereiro de 2021 em 5 bases (Science Direct, SciElo, LILACS, BVS e PubMed), com o recurso de PRISMA, usando os seguintes descritores: “Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “Effects OR Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa” e “Impacts AND COVID-19 AND Africa”. Foram encontrados 1434 estudos, dos quais, depois da exclusão por duplicação e triagem, sobraram 18 artigos, que foram adicionados com dois estudos achados pela busca manual, perfazendo 20 artigos, que serviram para a análise final. Os resultados desta análise conduzem a concluir que os impactos da COVID-19 na África são imensuráveis, dado que, para além da pandemia, os países são vulneráveis a muitas intempéries, e são dependentes economicamente de outros países. Sugere-se, com a pesquisa, a necessidade de implementação de medidas de prevenção menos duras, contemplando a assistência financeira entre os povos e disponibilizando apoios externos, sempre que possível.

Palavras-chave: Impacto; COVID-19; Desafio; África.

Abstract: This is a Systematic Literature Review article, whose objective was to assess the impacts of the COVID-19 pandemic on the African continent. Data collection was carried out in February 2021 in 5 databases (Science Direct, SciElo, LILACS, BVS and PubMed), using PRISMA, using the following descriptors: “Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “Effects OR Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa” and “Impacts AND COVID-19 AND Africa”. 1434 studies were found, of which, after exclusion by duplication and screening, 18 articles remained, which were added with two studies found by manual search, totaling 20 articles, which served for the final analysis. The results of this analysis lead to the conclusion that the impacts of COVID-19 in Africa

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Escola de Ciências da Saúde e da Vida da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS: Grupo de Pesquisa-Avaliação em Bem-Estar e Saúde Mental, Bolsista CAPES-Brasil. Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental pela FACEFI-Porto Alegre-Brasil. Docente da Universidade Rovuma (UniRovuma) - Moçambique. E-mail: rsunde@unirovuma.ac.mz

² Mestre em Gestão de Marketing e Comunicação Empresarial pela Universidade Católica Nampula, Moçambique. Graduada em Psicologia e Pedagogia pela Universidade Pedagógica Nampula, Moçambique. Docente da Universidade Rovuma (UniRovuma) Nampula- Moçambique. GEDAC: Grupo de Pesquisa para Desenvolvimento Aprendizagem e Cognição UniRovuma. E-mail: sgiquira@unirovuma.ac.mz

³ Mestre em Educação com Especialização em Psicologia Educacional pela Universidade Pedagógica de Maputo, Moçambique. Graduada em Psicologia e Pedagogia pela Universidade Pedagógica Nampula, Moçambique, Docente da Universidade Rovuma Nampula, Moçambique. GEDAC: Grupo de Pesquisa para Desenvolvimento Aprendizagem e Cognição E-mail: luciamauricio10@gmail.com

are immeasurable, given that, in addition to the pandemic, countries are vulnerable to many storms, and are economically dependent on other countries. The research suggests the need to implement less harsh prevention measures, including financial assistance among peoples and providing external support, whenever possible.

Keywords: Impact; COVID-19; Challenge; Africa.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, fez-se sentir o primeiro surto de uma pneumonia inexplicável na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Logo após, em 7 de janeiro de 2020, foi confirmado um novo tipo de coronavírus chamado SARS-CoV-2, vírus causador da COVID-19, que veio abalar todo o mundo. Em 11 de março do mesmo ano, foi declarada pela OMS uma pandemia global, que atingiu 114 países, com registo de mais de 118 mil casos positivos e 4.291 mortes (GUAMBE, 2020, YANG *et al.*, 2020).

No continente africano, o primeiro caso de *Coronavírus* foi detectado em Lagos, capital econômica da Nigéria, na África Subsaariana, e confirmado pelas autoridades sanitárias do país em 27 de fevereiro de 2020. A segunda notificação oficial de contaminação ocorreu em Dakar (Senegal), no dia 02 de março do mesmo ano. A partir daí, os governos e autoridades sanitárias do continente adotaram, quase imediatamente, políticas, medidas e protocolos de prevenção e tratamento semelhantes aos do resto do mundo (MONIÉ, 2020).

Devido à natureza do vírus, ou seja, maior capacidade de transmissão e disseminação, fácil infecção com manifestação ou não de sintomas, associado a condições sanitárias inadequadas para atender ao rápido avanço, e a ausência da vacina para a prevenção e cura, a preocupação com a doença foi crescendo em escala internacional. A maior ameaça é a precariedade dos sistemas de saúde africanos, o que possibilita índices elevados de contaminação e elevada taxa de mortalidade, apesar de existirem outros fatores de risco (BESSA, 2020).

Os riscos para o continente africano não se restringem somente à pandemia. O grande efeito se manifesta entre a população marginalizada, com poucos recursos de sobrevivência. Por isso, o impacto causado pela pandemia nas cadeias produtivas e de suprimentos mundiais pode afetar drasticamente a economia do continente pela sua forte dependência do comércio exterior.

Nesse cenário, os impactos econômicos da pandemia atingiram a África antes mesmo de os casos da doença surgirem, devido à diminuição da demanda por *commodities*, à saída de capitais, à redução do turismo e do transporte aéreo em virtude do fechamento de fronteiras, e à desvalorização das moedas locais (BESSA, 2020).

É neste contexto do panorama da COVID-19 que se desenvolve a presente pesquisa, com o objetivo de avaliar os impactos do novo coronavírus sobre a população africana. Refere-se a um continente com condições incompatíveis com as estratégias de contenção do vírus, que exigem medidas mais pesadas em algumas realidades. Este estudo pode servir como mais um subsídio para a percepção dos impactos da pandemia da COVID-19 e ajudar os países africanos a buscarem estratégias mais concretas para o enfrentamento da pandemia.

DESENVOLVIMENTO

Este é um estudo de Revisão Sistemática conduzido por *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). As buscas pelos artigos foram feitas em 20 de fevereiro de 2021, em cinco bases de dados (Science Direct, SciELO, LILACS, BVS e PubMed), usando os seguintes descritores: “Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “Effects OR Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa” e “Impacts AND COVID-19 AND Africa”, todos consultados nos dicionários de descritores na área da saúde MeSH da base de dados PubMed e Thesaurus, da PsycINFO. Feitas as buscas nas bases, os artigos foram exportados para o *Rayyan QCRI*. É a partir dele que são executadas todas as atividades preliminares, desde a identificação, triagem, inclusão e exclusão de artigos, e a interação entre os avaliadores (OLOFSSON *et al.*, 2017; OUZZANI, HAMMADY, FEDOROWICZ, & ELMAGARMID, 2016).

A análise e a seleção dos artigos foram realizadas de forma independente, inicialmente por três juízes, sendo que a terceira pessoa (juiz) era responsável para desempatar as decisões, nos casos de conflitos. Foram usados estudos inéditos e pesquisas sobre impactos da COVID-19 na África como critérios para a inclusão, gratuitos e disponíveis na íntegra, de forma online, publicados em 2020, em português, inglês, espanhol e francês. Por outro lado, constituíram critérios de exclusão os artigos duplicados e todos os estudos que não passaram pelo processo de avaliação por pares. A Tabela 1 descreve a estratégia de busca dos artigos em cada base de dados.

Este é um estudo de Revisão Sistemática conduzido por *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). As buscas pelos artigos foram feitas em 20 de fevereiro de 2021, em cinco bases de dados (Science Direct, SciELO, LILACS, BVS e PubMed), usando os seguintes descritores: “Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “COVID-19 OR Coronavirus AND Africa”, “COVID-19 OR Coronavirus AND

Africa”, “Effects OR Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa” e “Impacts AND COVID-19 AND Africa”, todos consultados nos dicionários de descritores na área da saúde MeSH da base de dados PubMed e Thesaurus, da PsycINFO. Feitas as buscas nas bases, os artigos foram exportados para o *Rayyan QCRI*. É a partir dele que são executadas todas as atividades preliminares, desde a identificação, triagem, inclusão e exclusão de artigos, e a interação entre os avaliadores (OLOFSSON *et al.*, 2017; OUZZANI, HAMMADY, FEDOROWICZ, & ELMAGARMID, 2016).

A análise e a seleção dos artigos foram realizadas de forma independente, inicialmente por três juízes, sendo que a terceira pessoa (juiz) era responsável para desempatar as decisões, nos casos de conflitos. Foram usados estudos inéditos e pesquisas sobre impactos da COVID-19 na África como critérios para a inclusão, gratuitos e disponíveis na íntegra, de forma online, publicados em 2020, em português, inglês, espanhol e francês. Por outro lado, constituíram critérios de exclusão os artigos duplicados e todos os estudos que não passaram pelo processo de avaliação por pares. A Tabela 1 descreve a estratégia de busca dos artigos em cada base de dados.

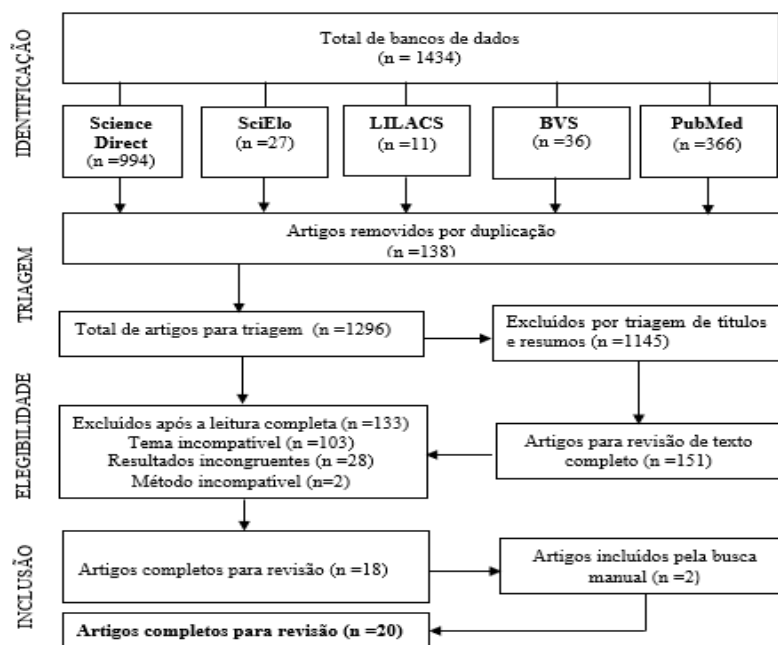
Tabela 1: Estratégia de busca em cada base de dados

Bases	Descritores	Datas de busca	Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão	Artigos achados
Science Direct	Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa	20/02/2021	-Estudos inéditos	-Artigos duplicados	994
SciElo	COVID-19 OR Coronavirus AND Africa	20/02/2021	-Pesquisa sobre impactos da COVID-19 na África	-Estudos que não passaram pelo processo de avaliação por pares	27
LILACS	COVID-19 OR Coronavirus AND Africa	20/02/2021	-Gratuitos e disponíveis na íntegra de forma online		11
BVS	Effects OR Impacts AND COVID-19 OR Coronavirus AND Africa	20/02/2021	-Publicados em 2020		36
PubMed	Impacts AND COVID-19 AND Africa	20/02/2021	-Artigos publicados em português, inglês, espanhol e francês		367

No total, foram achados 1434 estudos (Science Direct – 994; SciElo – 27; LILACS – 11; BVS – 36; PubMed -366), que, após exclusão por estarem repetidos (138 artigos), procedeu-se a triagem e leitura dos títulos e dos resumos, num total de 1296 artigos, dentre os quais somente 151 atenderam aos critérios de inclusão e foram analisados na íntegra; destes, foram

excluídos ainda 133 artigos, 103 deles com temas incompatíveis, 28 com resultados incongruentes, e dois artigos com métodos incompatíveis, restando, assim, 18 artigos, adicionados a dois estudos achados pela busca manual, somando 20 artigos, que serviram para a análise final. A Figura 1 ilustra como foi o processo de busca e tratamento dos artigos.

Figura 1: Fluxograma da seleção dos artigos



A Tabela 2 resume e descreve os resultados e conclusões dos estudos selecionados para a análise final. Os artigos foram publicados em 2020, nas línguas inglesa (17), portuguesa (2) e espanhola (1). Na generalidade, os estudos falam sobre impactos da pandemia da COVID-19 na África, havendo alguns com um olhar específico de um país e outros de um grupo de países, ou da África no seu todo.

Tabela 2: Síntese dos artigos incluídos

Referências	Título	Resultados e conclusões
1. ANJORIN <i>et al.</i> (2020)	Comorbidities and the COVID-19 Pandemic Dynamics in Africa	O impacto das comorbidades na taxa de mortalidade por infecção foi amplamente observado em outras regiões que estavam em estágios mais avançados da pandemia. À medida que a África aprende com essas regiões, a resposta à pandemia em andamento e o planejamento de programas pós-pandêmicos devem levar em consideração peculiaridades na epidemiologia de comorbidades e coinfeções, fatores fisiopatológicos relevantes e de prestação de cuidados à saúde. A África é uma grande região com variações locais com fatores que podem moldar a dinâmica da pandemia e uma resposta de tamanho único não será ideal, mas há amplas

<p>2. KIM, NYENGERAI & MENDENHAL (2020)</p>	<p>Evaluating the mental health impacts of the COVID-19 pandemic: perceived risk of COVID-19 infection and childhood trauma predict adult depressive symptoms in urban South Africa</p>	<p>lições relacionadas às diferenças na epidemiologia e nos fatores de prestação de cuidados de saúde que devem ser cuidadosamente considerados como parte de um quadro de resposta regional à COVID-19. Para melhor conhecimento, esta é a primeira investigação dos impactos na saúde mental das experiências da COVID-19 durante a pandemia de coronavírus de 2020 e bloqueio nacional na África do Sul. Enquanto a grande maioria dos participantes relatou que as experiências da pandemia da COVID-19 não afetaram sua saúde mental (ou 'mente'), 10–20% dos participantes relataram experiências potentes de ansiedade, medo e 'pensar demais' como resultado da pandemia. Os resultados destacam os efeitos combinados de histórias traumáticas passadas e exposições recentes ao estresse na exacerbação da gravidade dos sintomas depressivos entre adultos que vivem em um contexto urbano sul-africano.</p>
<p>3. Nyasulu & Pandya (2020)</p>	<p>The effects of coronavirus disease 2019 pandemic on the South African health system: A call to maintain essential health services</p>	<p>O surgimento da pandemia da COVID-19 colocou grande sobrecarga no sistema de saúde, afetando negativamente sua funcionalidade. Propomos a estrutura dos sistemas de saúde da OMS como uma abordagem para avaliar e priorizar os serviços dos sistemas de saúde, a fim de encontrar um equilíbrio entre as respostas à pandemia da COVID-19, e a prestação de serviços de saúde essenciais de qualidade, com foco na ampliação de programas de imunização e HIV. Recomenda-se a representação e estreita colaboração entre a COVID-19 e as equipes de serviços essenciais a todos os níveis.</p>
<p>4. Etteh, Adoga & Ogbaga (2020)</p>	<p>COVID-19 Response in Nigeria: Health System Preparedness and Lessons for Future Epidemics in Africa</p>	<p>É alarmante que, em cerca de cinco meses desde a confirmação do primeiro caso da COVID-19 do continente, no Egito, em 14 de fevereiro de 2020, a taxa de infecção permanece em uma fase exponencial, com quarenta e sete países africanos que relataram um total de 766.803 casos, 13.191 mortes e 486.925 recuperações em 31 de julho de 2020, dos quais a Nigéria relatou 42.689 casos, 878 mortes e 19.290 recuperações, com o estado de Lagos respondendo por quase metade de todos os casos na Nigéria. É importante ressaltar que as lições aprendidas durante a epidemia de Ebola tiveram um impacto significativo na resposta para a COVID-19 na Nigéria. Neste artigo, discute-se a resposta da Nigéria, a preparação do sistema de saúde e as lições que são críticas para a contenção de futuros surtos, epidemias ou pandemias de qualquer doença infecciosa na África.</p>
<p>5. PALLANGYO, NAKATE, MAINA & FLEMING (2020)</p>	<p>The impact of covid-19 on midwives' practice in Kenya, Uganda and Tanzania: A reflective account</p>	<p>No Quênia, Tanzânia e Uganda, as taxas de mortalidade materna e neonatal já são consistentemente altas, mas a pandemia da COVID-19 exacerbou isso. Juntamente com a resposta necessária para lidar com a COVID-19, outras questões nacionais, como pragas de gafanhotos e inundações, também estão causando problemas significativos. É provável que, em um futuro próximo, apesar dos melhores esforços das parceiras e de outros profissionais de saúde, ocorra um aumento no número de mortes relacionadas à COVID-19 em mulheres em idade reprodutiva, incluindo mulheres grávidas e pós-parto.</p>

6. BUONSENSO <i>et al.</i> (2020)	Social consequences of COVID-19 in a low resource setting in Sierra Leone, West Africa	As consequências econômicas e psicológicas do bloqueio em ambientes de poucos recursos na África rural são desconhecidas. Todos entrevistados declararam uma redução de 51 80% (19,2%) a 81 100% (79,4%) da renda semanal em comparação com o período de pré-bloqueio, declarando dificuldades em fornecer alimentação para os familiares (82%) e ansiedade (60%). As análises mostraram que as pessoas perderam seus empregos e têm dificuldade em fornecer alimentos para suas famílias como consequência do bloqueio da COVID-19.
7. IDRISSEI <i>et al.</i> (2020)	Sleep quality and mental health in the context of COVID-19 pandemic and lockdown in Morocco	O bloqueio da COVID-19 está associado a vários fatores estressantes, que podem afetar negativamente a qualidade do sono e a saúde mental das pessoas. Os resultados destacaram crenças falsas generalizadas sobre o sono e a prevalência de distúrbios do sono, ansiedade e sintomas relacionados à depressão na população marroquina. Quase 82,3% dos entrevistados revelaram falsas crenças sobre o sono. O estudo revelou uma alta prevalência de distúrbios do sono, ansiedade e sintomas depressivos na população marroquina durante o período de bloqueio da COVID-19. Além disso, as falsas crenças sobre a compreensão do sono eram prevalentes e apresentavam um fator de risco para distúrbios do sono, ansiedade e sintomas depressivos.
8. MADANI, BOUTEBAL & BRYANT (2020)	The Psychological Impact of Confinement Linked to the Coronavirus Epidemic COVID-19 in Algeria	Os resultados mostraram que 50,3% dos entrevistados estavam ansiosos durante as primeiras três semanas de confinamento. Além disso, 48,2% sentiam-se estressados, 46,6% dos entrevistados afirmaram sentir-se mal-humorados e 47,4% disseram não parar de pensar ao longo do dia nessa epidemia, e em como se proteger. Além disso, o estudo mostra que 87,9% dos entrevistados na Argélia acharam difícil seguir as instruções para contenção total e parcial do vírus. Observa-se uma mudança significativa nos hábitos da população confinada, principalmente quanto à hora de dormir e acordar, o que evidencia o aumento do nível de repercussões psicológicas.
9. GOVENDER <i>et al.</i> (2020)	Beyond the Disease: Contextualized Implications of the COVID-19 Pandemic for Children and Young People Living in Eastern and Southern Africa	Os países da África Oriental e Austral terão de equilibrar a resposta direta à pandemia da COVID-19 com a defesa dos direitos humanos e o apoio a crianças e jovens, particularmente grupos mais vulneráveis (por exemplo, crianças com HIV, mulheres jovens), para garantir que comida, educação e serviços de aconselhamento estejam disponíveis durante as restrições de movimento impostas pelo governo. De forma mais geral, a crise de saúde pública da COVID-19 destaca a importância de fornecer apoio fiscal para melhorar os sistemas de saúde e outras capacidades institucionais na África Oriental e Austral, como educação e segurança nacional.
10. KASSA & GRACE (2020)	Race against death or starvation? COVID-19 and its impact on African populations	Um rápido comunicado e distribuição de informações são necessários para prevenir e administrar o impacto na saúde, no social, econômico e político da pandemia da COVID19, e para garantir que não seja uma corrida contra a morte nem contra a fome para as populações africanas. Portanto, os países africanos requerem estratégias de gestão de pandemia culturalmente relevantes e nativas nos próximos anos para torná-los

11. EL-ZOGHBY, SOLTAN & SALAMA (2020) Impact of the COVID-19 Pandemic on Mental Health and Social Support among Adult Egyptians
12. ARAFA, MOHAMED, SALEH, & SENOSY (2020) Psychological Impacts of the COVID-19 Pandemic on the Public in Egypt
13. COLOMBO, SC UCCATO, FADDA & CUMBI (2020) COVID-19 in Africa: the little we know and the lot we ignore
14. BUKULUKI *et al.* (2020) The Socio-economic and Psychosocial Impact of Covid-19 Pandemic on Urban Refugees in Uganda
- responsivos a pandemias que podem afetar suas economias, a saúde e a vida dos cidadãos.
- O impacto psicológico dos surtos em indivíduos inclui uma ampla e intensa variedade de morbidades psiquiátricas. As pessoas tendem a experimentar sentimentos, como preocupação em ser infectado ou ficar doente, aumento da autculpa e desamparo. Houve aumento do estresse de trabalho em 174 (34,1%), do estresse financeiro em 284 (55,7%) e do estresse de lar em 320 (62,7%). Metade deles se sentiu horrorizado e desamparado, 275 (53,9%) e 265 (52%), respectivamente, enquanto 338 (66,3%) se sentiram apreensivos. Apenas 24,2% relataram maior apoio de amigos, enquanto maior apoio de familiares ficou em 207 (40,6%). 46,5% compartilham seus sentimentos com os familiares, enquanto 176 (34,5%) compartilham com outras pessoas.
- Os participantes relataram alta prevalência de depressão (67,1%: leve a moderada 44,6% e grave a muito grave 22,5%), ansiedade (53,5%: leve a moderada 30,6% e grave a muito grave 22,9%), estresse (48,8%: leve a moderado 33,8% e grave a muito grave 15,0%) e sono inadequado (<6 h / dia) 23,1%. Sexo feminino, trabalhar em outros setores que não o setor de saúde, assistir / ler notícias da COVID-19 ≥ 2 h / dia e falta de apoio emocional da família e da sociedade foram associados a uma alta prevalência de depressão severa a muito severa, ansiedade e estresse. Concluindo, os impactos psicológicos da COVID-19 sobre o público no Egito foram enormes. Portanto, fornecer apoio psicológico e aconselhamento é fundamental.
- O vírus tem demonstrado grande capacidade de adaptação, passando por mudanças evolutivas em seu material genético, o que lhe permite infectar humanos e se espalhar de pessoa para pessoa. Para responder a isso, estratégias de resposta eficazes devem ser “projetadas e destinadas a se adaptarem à mudança”, como, por exemplo, relaxando algumas intervenções e mantendo outras, conforme novas evidências se tornam disponíveis, ou modulando a resposta aos diferentes contextos.
- A atenção abaixo do ideal à situação difícil dos refugiados urbanos durante os planos de preparação e resposta para a pandemia da COVID-19 não apenas exacerba os impactos devastadores da COVID-19 para este grupo, mas também apresenta riscos e desafios maiores para as comunidades anfitriãs. Este apelo abraça o princípio de "não deixar ninguém para trás", promovido pelas Nações Unidas.

15. AJIDE, IBRAHIM & ALIMI (2020)	Estimating the impacts of lockdown on Covid-19 cases in Nigeria	Este estudo examina a extensão do impacto das medidas de bloqueio nos casos confirmados da COVID-19 na Nigéria, e tem algumas implicações políticas relevantes. O bloqueio foi quantitativamente confirmada como eficaz no combate à propagação dos casos de COVID-19, o foco deve ser colocado nas residências, que atuam como um estímulo para o vírus. Isso pode ser alcançado de forma eficaz por meio de programas de esclarecimento público e conscientização geral sobre a necessidade de cumprir as medidas de bloqueio. Mais importante ainda: o governo deve garantir e assegurar o fornecimento constante de eletricidade para as pessoas.
16. MOGAJI (2020)	Impact of COVID-19 on transportation in Lagos, Nigeria	O documento reconhece o efeito sobre o transporte nas economias emergentes, onde bloqueios e restrições ao movimento podem ser ineficazes em um estado com alta densidade populacional, infraestrutura de transporte deficiente e uma grande economia informal. Adotando a estrutura "evitar-mudar-melhorar", este artigo apresenta implicações práticas para os formuladores de políticas do setor público e privado, à medida que navegam neste momento precário e traçam um novo caminho para os indivíduos e a Nigéria.
17. CHESEREM <i>et al.</i> (2020)	A Continental Survey on the Impact of COVID-19 on Neurosurgical Training in Africa	Houve uma redução acentuada nas atividades clínicas, incluindo uma redução média de cirurgia eletiva (80%), clínicas (83%) e cirurgia de emergência (38,50%). Um total de 23,58% dos residentes não recebia um salário formal, com 50% recebendo menos de US \$1.000 brutos por mês. Essa é a primeira pesquisa continental de estagiários de neurocirurgia na África. A COVID-19 afetou significativamente as oportunidades clínicas e de aprendizagem. Há preocupações com os efeitos de longo prazo em suas atividades de treinamento por um período incerto de tempo durante esta pandemia. Embora tenha havido um aumento global no e-learning, é necessário avaliar se ele é acessível a todos os trainees.
18. DE ARANZABAL <i>et al.</i> (2020).	COVID-19 y África: sobreviviendo entre la espada y la pared	Consciente dos muitos desafios apresentados em ambientes com abundância de recursos e sistemas de saúde robustos, onde a mortalidade tem sido significativa e a transmissão difícil de controlar, havia uma preocupação lógica em ver como o vírus poderia impactar os países africanos e sua saúde frágil e fracos sistemas. Tal antecipado “tsunami”, com consequências potencialmente devastadoras, parece, no entanto, ainda não ter chegado, e os países africanos, embora testemunhando um grau crescente de transmissão autóctone, parecem até hoje relativamente não afetados pela pandemia.
19. SOTOLA, PILLAY & GEBRESELAS (2020)	COVID-19 in Africa: a comparative analysis of early policy responses	A pandemia da COVID-19 causou grande turbulência em todo o mundo. Entre os países africanos, pode-se perceber semelhanças e diferenças tanto em relação à natureza do surto como nas respostas políticas implementadas. Alguns elementos que refletem essa similaridade na gestão foram identificados, entre eles a adoção de medidas rápidas e precoces, a experiência recente no gerenciamento de epidemias/crises de saúde, e a existência de alguma forma de resiliência da comunidade, adquirida ao longo de anos de experiência em lidar com um estado de falta de governança.

20. MARTINS & HANSINE (2020)	Análise epidemiológica e demográfica da COVID-19 na África	A África tem 17% da população mundial, mas na data de encerramento desta análise (12 de outubro de 2020), só tinha 4,2% dos casos e 3,5% dos óbitos da COVID-19 do mundo. As densidades populacionais são muito variáveis, desde os 222 habitantes/ km ² do Uganda aos 26 hab/km ² de Angola. O mesmo sucede com a percentagem de população urbana, que varia de 21% na Etiópia a 73% na Argélia. Contudo, na África situam-se algumas das megacidades do mundo, com densidades populacionais altas, o que, do ponto de vista teórico, potencia a transmissibilidade do vírus. Foi feita a análise epidemiológica da evolução do número de casos, do número de casos recuperados, número de óbitos e número de testes realizados por milhão de habitantes em cada um dos 15 países selecionados, e ilustrou-se com gráficos de barras a evolução dos registos diários de casos e óbitos, e com curvas das respectivas médias dos últimos 7 dias.
------------------------------	--	--

COMORBIDADES E FATORES DE RISCO ASSOCIADOS AO NOVO CORONAVÍRUS NA ÁFRICA

Descrevem-se, nesta categoria, algumas doenças que agravam a COVID-19. O novo coronavírus trouxe consigo múltiplas exigências relacionadas à atenção, tanto no que concerne à higienização das mãos, uso de máscaras em espaços públicos, quanto ao cuidado com alguns grupos de pessoas consideradas de risco por condições preexistentes associadas à infecção.

De acordo com o artigo 1, entre as comorbidades associadas com a COVID-19, estas podem ser agrupadas de duas formas: as que estão relacionadas com a coinfeção (malária, infecções respiratórias virais (não COVID-19), infecções bacterianas / fúngicas secundárias, HIV/SIDA e tuberculose), e as comorbidades propriamente relacionadas, como a obesidade, subnutrição, doença cardiovascular, doença renal, doença hepática, diabetes (ANJORIN *et al.*, 2020).

Por sua vez, o artigo 2 distingue as comorbidades mentais (depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático e ideação ao suicídio) das comorbidades infecciosas (tuberculose, HIV/SIDA) e doenças cardiometabólicas, como, por exemplo, a hipertensão, diabetes, dislipidemia e obesidade (KIM, NYENGERAI, & MENDENHAL, 2020).

O artigo 5, que pesquisa os impactos da COVID-19 na prática das parteiras no Quênia, Uganda e Tanzânia, aponta a falta de cuidados pré-natais (consultas regulares por causa da pandemia) associados com a infecção de HIV/SIDA, Hepatites e outras enfermidades não diagnosticadas (PALLANGYO, NAKATE, MAINA, & FLEMING, 2020).

Segundo o artigo 10, os fatores de risco ao novo coronavírus estão relacionados com a idade avançada dos pacientes, sendo mais vulneráveis à contaminação. Nos idosos e pessoas com deficiência, hipertensão, diabetes, doença cardiovascular, doença renal e doença respiratória são as comorbidades mais prevalentes (KASSA & GRACE, 2020).

O artigo 20, por sua vez, apresenta várias doenças não transmissíveis (hipertensão, diabetes, doenças cardiovasculares e síndrome metabólica) associadas a baixos níveis plasmáticos de vitamina D. Essas comorbidades, juntamente com a deficiência frequentemente concomitante de vitamina D, aumentam o risco de evolução grave da COVID-19 (MARTINS & HANSINE, 2020).

IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA ÁFRICA

A pandemia do novo coronavírus vem produzindo repercussões a nível internacional, desde consequências de natureza epidemiológica e biomédica a efeitos sociais, econômicos, culturais e até políticos. Os efeitos da COVID-19 são abordados sob várias perspectivas.

Segundo o artigo 3, o surgimento da pandemia da COVID-19 tem impacto direto no Sistema de Saúde, afetando negativamente sua funcionalidade, porque é iminente o esgotamento de recursos para conter a emergência. Por causa da pandemia, registra-se desvio da força de trabalho de saúde, suspensão de serviços, redução do comportamento de busca de saúde, indisponibilidade de suprimentos, deterioração no monitoramento de dados e redução de financiamento. Estes são alguns dos desafios observados. Em tais emergências, a capacidade de fornecer serviços essenciais depende da capacidade básica do sistema de saúde (NYASULU & PANDYA, 2020).

De acordo com o artigo 5, o impacto da COVID-19 nas áreas rurais é preocupante, visto que as mulheres lutam para ter acesso aos cuidados de saúde. O estudo descreve que as parteiras entrevistadas relataram um baixo número de atendimentos em clínicas de saúde materna. Mulheres têm medo de recorrer aos hospitais por medo de contrair o coronavírus. Temem serem testadas para COVID-19, pois um resultado positivo significaria serem enviadas para quarentena obrigatória, longe de suas famílias. Isso levou mulheres a entrarem em hospitais tarde demais, às vezes terminando com resultados indesejáveis, como natimortos, morte neonatal e materna (PALLANGYO, NAKATE, MARINA, & FLEMING, 2020).

O artigo 6 fundamenta que a rápida difusão mundial da COVID-19 e a chegada do SARS-CoV-2 na África Subsaariana foi inesperada, com impactos potencialmente dramáticos na saúde, dado que apenas um ventilador está disponível para toda a população de Serra Leoa.

Este cenário acontece não só na Serra Leoa, mas também em muitos outros países africanos. O bloqueio parecia ser a única medida para atrasar o contágio, mas esta decisão teve consequências para as pessoas, especialmente as que vivem nas zonas piscatórias e turísticas do país (BUONSENSO *et al.*, 2020). Como se descreve no artigo 7, a pandemia da COVID-19 impactou dramaticamente a vida da população mundial em comparação com epidemias anteriores. Entre os efeitos da pandemia destacam-se os distúrbios do sono e o impacto psicológico associados à disseminação da COVID-19 e ao bloqueio das atividades básicas (IDRISSI *et al.*, 2020).

Os impactos da COVID-19, segundo o artigo 8, são muito ameaçadores. Após a aplicação de medidas de contenção total e/ou parcial, houve certa desorganização social. Os resultados deste estudo mostram que 50,3% dos entrevistados estavam ansiosos durante as primeiras três semanas de confinamento. Além disso, 48,2% sentiram-se estressados, 46,6% dos entrevistados afirmaram sentirem-se mal-humorados e 47,4% não pararam de pensar nessa epidemia ao longo do dia, e em como se proteger. Além disso, o estudo mostra que 87,9% dos entrevistados na Argélia acharam difícil seguir as instruções para contenção total e parcial. Observou-se uma mudança significativa nos hábitos da população confinada, principalmente quanto à hora de dormir e acordar, o que evidencia o aumento do nível de repercussões psicológicas (MADANI, BOUTEBAL, & BRYANT, 2020).

O artigo 9 fala das vulnerabilidades relacionadas com a COVID-19 e considera as consequências físicas, psicológicas e sociais das restrições da mobilidade humana. Neste estudo, os autores falam abordam sobre o impacto do encerramento da escola na saúde, insegurança alimentar nas famílias e comunidades. Portanto, as medidas implementadas para conter o vírus, incluindo restrições à liberdade de mobilidade, limites para o contato social físico e isolamento e quarentena impostos, podem ter um impacto negativo na saúde e no bem-estar de crianças e jovens. As consequências das ordens de permanência em casa são provavelmente exacerbadas em países com poucos recursos, onde a capacidade financeira para sustentar crianças e jovens é limitada. Em relação aos problemas de saúde existentes, contam-se cargas virais não suprimidas e baixas contagens de CD4, HIV/SIDA e tuberculose não diagnosticados. No entanto, os impactos das restrições e bloqueios impostos incluem as complicações de saúde relacionadas com a inatividade física e mobilidade restrita, angústia psicológica precipitada pelo confinamento e medo de contrair SARS-CoV-2, interrupções na programação de imunização, aprendizagem comprometida durante o fechamento da escola, violação dos direitos humanos, insegurança financeira e alimentar das famílias (GOVENDER *et al.*, 2020).

No artigo 10, segundo Kassa e Grace (2020), os impactos da COVID-19 estão reunidos em 4 grupos:

a. **Impacto na saúde:** neste estudo são apresentados mais de 1.039.678 casos confirmados e 22.966 mortes, com aumento do risco de morbidade e mortalidade entre pessoas com comorbidades, deficiências e idosos. Vitimização dos profissionais de saúde da linha de frente e aumento da pressão sobre os sistemas de saúde com poucos recursos, falta de infraestrutura de tratamento médico adequada, aumento da carga de doenças existentes como HIV / SIDA, tuberculose, malária, diarreia e infecções do trato respiratório inferior foram os principais reflexos da COVID-19.

b. **Impacto Social:** refere-se, neste ponto, à quebra na coesão social após distanciamento social e isolamentos interpessoais: a maioria das instituições acadêmicas encerradas; proibições de viagens em nível internacional, nacional e local; mercados de alimentos fechados, acesso limitado a fontes de alimentos; a fome aumentou entre as comunidades vulneráveis; encontros religiosos restritos; criação de isolamento e discriminação provocados pelo medo; violação dos direitos humanos, crescimento de práticas ilegais, como aumento da criminalidade; notícias falsas nas redes sociais levam as comunidades a respostas incorretas de prevenção de vírus; desigualdades exacerbadas; vitimização de mulheres e idosos.

c. **O impacto econômico:** inclui a suspensão das indústrias de aviação e transporte marítimo para bens e pessoas; indústrias primárias, secundárias e terciárias afetadas por vários estados de bloqueio; produção de itens domésticos limitada; a indústria do turismo fez uma pausa e possivelmente afetou a longo prazo; o valor das cadeias de abastecimento diminuiu; as importações e exportações diminuíram, afetando a receita externa; comércio e indústria suspensos; aumento da dívida para enfrentar a pandemia; oferta e demanda de certos produtos diminuíram; recessão / depressão financeira; aumento do desemprego com redução da renda per capita; maior pressão sobre as políticas monetária e fiscal.

d. **Impacto político:** das organizações governamentais, não governamentais e do setor privado fechadas; países fecham suas fronteiras, impedindo o movimento de bens e serviços; a discriminação de refugiados e imigrantes aumentou; a evacuação de cidadãos para os seus países de origem resulta em desconfiança entre os líderes; o adiamento das eleições nacionais exacerba conflitos e agitação (KASSA & GRACE, 2020).

O artigo 11, que investiga os impactos da pandemia da COVID-19 na saúde mental entre os egípcios, aponta uma variedade de morbidades psiquiátricas, como preocupação em ser infectado ou ficar doente e aumento da autculpa e desamparo. Entre os participantes,

demonstraram em média da escala de eventos de impacto $34,3 \pm 15$, sendo que 211 casos (41,4%) sofreram forte impacto. Houve aumento do estresse de trabalho em 174 (34,1%), do estresse financeiro em 284 (55,7%) e do estresse de lar em 320 (62,7%). Metade deles se sentiu horrorizado e desamparado em 275 (53,9%) e 265 (52%), respectivamente, enquanto 338 (66,3%) se sentiram apreensivos. Apenas 24,2% relataram maior apoio de amigos, enquanto maior apoio de familiares ficou em 207 (40,6%). 46,5% compartilham seus sentimentos com os familiares, enquanto 176 (34,5%) compartilham com outras pessoas. Cuidar dos sentimentos dos familiares aumentou em 330 (64,7%). Idade e residência rural foram preditores negativos para o impacto do escore do evento, enquanto o sexo feminino ou presença de condição crônica foi um preditor positivo para o impacto do escore do evento (EL-ZOGHBY, SOLTAN & SALAMA, 2020). No entanto, o artigo 12 sublinha que os efeitos psicológicos da pandemia COVID19 no público em geral foram enormes, especialmente entre mulheres e pessoas que não trabalham no setor da saúde. Portanto, fornecer apoio psicológico ao público é altamente desejável (ARAFI, MOHAMED, SALEH, & SENOSY, 2020).

O artigo 13, desenvolvido por Colombo, Scuccato, Fadda e Cumbi (2020), subestima a pandemia na África Subsaariana. A escassez de dados reflete a baixa capacidade geral de teste, o acesso limitado aos serviços de saúde, suas fraquezas e restrições políticas. O artigo destaca o impacto da epidemia entre os profissionais da saúde e o impacto geral da pandemia na África Subsaariana, que é grave. Para o primeiro caso, relata que cerca de 1.810 profissionais de saúde (cerca de 4% de todos os casos positivos) haviam sido infectados com a COVID em 31 países da África Subsaariana, com dois outliers: Libéria 18,6% e Níger 18,7% logo em março de 2020. No contexto mais genérico, descreve impactos secundários da epidemia, que podem ser ainda mais graves do que seus efeitos diretos na saúde, como ocorreu na epidemia de Ebola na África Ocidental em 2014-15. Um aumento na morbidade e mortalidade indiretas não relacionadas com a COVID pode resultar de várias causas.

Segundo a fonte, a maioria dos recursos de saúde e os esforços mudam para a resposta à epidemia às custas de cuidados de saúde essenciais. Os gastos com saúde são desviados para o controle da epidemia, em detrimento de outras necessidades de saúde. Os profissionais de saúde são infectados, e vários morrem. Os pacientes podem se abster de usar os serviços de saúde por medo de contágio, restrições de movimento ou empobrecimento. O diagnóstico tardio de doenças potencialmente fatais, como o câncer, e a negligência com as doenças crônicas aumenta a mortalidade. Cadeias de suprimentos médicos são interrompidas, um fator crítico no

contexto da alta dependência do continente de produtos farmacêuticos importados (COLOMBO, SCUCCATO, FADDA, & CUMBI, 2020).

Um outro estudo que descreve detalhadamente os impactos da COVID-19 é o artigo 14, desenvolvido por Bukuluki *et al.* (2020), sobre efeitos em refugiados. Refere-se às pessoas deslocadas à força devido às perseguições ou conflitos, violações dos direitos humanos ou fatores ambientais. Existe, portanto, a ameaça de negligenciar os aspectos socioeconômicos e psicossociais da pandemia sobre a população vulnerável, especialmente os refugiados urbanos. Os autores examinam o impacto social, econômico e psicossocial da pandemia da COVID-19 em refugiados urbanos em Uganda.

a. **Impacto sociocultural** - refere-se a muitos refugiados urbanos que vivem nos subúrbios mais pobres de Kampala, como Kisenyi, Bwaise, Makindye, Nsambya, Kirombe e Kasaato, em acomodações inadequadas e instalações públicas. O acesso limitado à informação e aos planos de resposta nacionais devido à barreira da língua exacerba o risco de refugiados urbanos para a COVID-19. O direito dos refugiados à informação sobre prevenção e proteção da COVID-19 é restringido por barreiras linguísticas e de comunicação. O fato de que a maioria dos refugiados não entende inglês e as principais línguas locais significa que eles não obtêm informações em primeira mão e em tempo hábil sobre a COVID-19. No entanto, a falta de informações e serviços cultural e linguisticamente acessíveis relacionados à COVID-19 pode aumentar os riscos de contrair e espalhar o vírus entre as populações vulneráveis.

b. **Impacto econômico** – relaciona-se ao bloqueio em uma tentativa de reduzir a disseminação da COVID-19. Isso afetou os meios de subsistência dos refugiados e criou insegurança de renda entre os refugiados urbanos, porque eles dependem da economia de mercado informal e de pequenas empresas, como artesãos, alfaiates, cabeleireiros, comerciantes de metais preciosos e diamantes e vendedores de alimentos e roupas de segunda mão. No entanto, o bloqueio em vários países implica que seus sistemas informais de apoio social por meio de remessas (como transferências de dinheiro) foram afetados pela perda de empregos em muitos países do Norte, onde seus parentes vivem e trabalham devido à COVID-19.

c. **Impacto psicossocial** - embora a proteção social como uma agenda para reduzir a vulnerabilidade e o risco de famílias de baixa renda em relação ao consumo e serviços básicos tenha se tornado uma parte importante do discurso do desenvolvimento, a proteção social atual, especialmente a assistência social instituída pelo governo de Uganda, não é adequada à situação e necessidades dos refugiados urbanos no contexto da COVID-19. Os critérios de direcionamento para o direito a apoio / distribuição alimentar às populações vulneráveis

afetadas pela COVID-19 não visam explicitamente os refugiados urbanos (BUKULUKI *et al.*, 2020).

É neste contexto que, no artigo 20, se reconhece a fragilidade dos países africanos para enfrentar a pandemia da COVID-19. Muitos países adotaram medidas menos duras para evitar situações mais drásticas de confinamento.

As lideranças de muitos dos países africanos tomaram a opção certa da não aplicação de medidas rigorosas de confinamento obrigatório, por terem consciência de que, nas condições de vida concretas das suas populações, isso não seria possível, porque traria consequências graves e efeitos adversos perniciosos para a vida social e econômica da população, que na sua grande parte vive em economia de subsistência, incompatível com o confinamento obrigatório (MARTINS & HANSINE, 2020, p. 35).

Portanto, os estudos enfatizam a existência de vários fatores de risco associados ao novo coronavírus. É assim que alguns estudos agrupam os riscos em doenças infecciosas, que inclui a malária, infecções respiratórias virais, infecções bacterianas, HIV/SIDA e tuberculose, e as comorbidades propriamente ditas, como a obesidade, subnutrição, doença cardiovascular, doença renal, doença hepática, diabetes entre outras. Outros estudos ainda mencionam comorbidades mentais e a questão idade do paciente (quanto mais avançada, mais vulneráveis à contaminação).

Na verdade, a pandemia afetou diretamente a vida humana nos aspectos econômicos, sociais, culturais, saúde, e até nos aspectos políticos. O sistema de saúde é apontado como o mais afetado pela pandemia da COVID-19, uma vez que é visível a iminência de esgotamento de recursos para manter a emergência. O medo do surto contribuiu para que as pessoas tivessem medo de sair de casa em busca de necessidades básicas, como é o caso de cuidados primários de saúde. Nas zonas rurais, as mulheres evitam recorrer aos hospitais por receio de contrair o vírus ou serem testadas positivamente. Por conseguinte, esta redução na procura por cuidados primários pela população tem trazido resultados indesejáveis para o sistema de saúde: aumento da carga de doenças existentes, como HIV/SIDA, tuberculose, malária, diarreia e infecções do trato respiratório inferior, ocasionando maior número de mortes em todas as faixas etárias.

Por outro lado, a falta de recursos essenciais para combater o surto fazem com que as consequências do vírus sejam drásticas na África. Nos hospitais especializados no tratamento da COVID-19, é comum encontrar apenas um único ventilador disponível para um vasto número de pessoas. Os efeitos da pandemia da COVID-19 também se fazem sentir na saúde mental, particularmente no bem-estar psicológico dos profissionais da saúde que, pela exaustão

do trabalho associado à disseminação da COVID-19, acabam tendo problemas de sono, estresse, mau humor, ansiedade, entre outros problemas psicológicos.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO AO NOVO CORONAVÍRUS NA ÁFRICA

As estratégias de enfrentamento do novo coronavírus são medidas adotadas pelos países, províncias e municípios para conter o índice de contaminação do vírus. Na África, cada país foi implementando essas medidas de prevenção segundo o seu contexto sociocultural e político-histórico, associado com gravidade de infecções e condições sanitárias vigentes.

Segundo Govender *et al.* (2020), as estratégias de enfrentamento ao novo coronavírus podem ser analisadas sob duas perspectivas: problemas de saúde existentes e consequências de restrições e bloqueios impostos. A partir dessas perspectivas, formulam-se 4 grupos de estratégias: estratégias comportamentais individuais (prevenção, automonitoramento e detecção precoce); estratégias baseadas na escola e na comunidade; estratégias de nível de sistemas de saúde e estratégias de legislação / estratégias políticas.

Segundo os autores, as estratégias comportamentais individuais consistem na prevenção, automonitoramento e detecção precoce da doença, e envolve:

- Melhorar a autoeficácia para adotar comportamentos de prevenção à COVID-19 (por exemplo, medidas de restrição de movimentos, lavagem das mãos, distanciamento social);
- Melhorar a autoeficácia para teste de carga viral de HIV, teste de TB e teste SARS-CoV-2;
- Autoidentificar sintomas da COVID-19 e autoquarentena;
- Usar ferramentas de autossuporte para promover a adesão à medicação;
- Melhorar a capacidade de monitorar níveis saudáveis de nutrição;
- Completar as recargas de prescrição antecipadamente e obter estoques para vários meses dos medicamentos necessários (GOVENDER *et al.*, 2020).

Por outro, as estratégias baseadas na escola e na comunidade evitam a propagação do índice de contaminação do vírus. Como considera Sunde, Júlio e Nhaguaga (2020, p.8),

com a pandemia, muitas instituições de ensino foram buscar estas técnicas apelidando de ensino remoto, ou ainda por ensino à distância, como estratégias de resposta às novas demandas do sistema educativo que exige o distanciamento social. O ensino remoto, ou o ensino à distância, como se apelida em muitos estudos, garante a continuidade do processo de ensino e aprendizagem, constitui uma oportunidade para ampliar o uso de metodologias remotas no ensino. É uma modalidade que promove um ensino mais dinâmico, reflexivo e motivador, incorporando atividades de aprendizagem ativa, centrada no aluno.

Para Govender *et al.* (2020), as estratégias tomadas no contexto da escola e da comunidade incluem:

- Apoiar a prevenção integrada da comunidade, vigilância e detecção precoce de HIV/SIDA, tuberculose e SARS-CoV-2, ligando aos serviços sociais e de saúde da comunidade para que atendam crianças e jovens;
- Aumentar o apoio baseado na família e na comunidade para jovens vivendo com HIV/SIDA, através de caminhos alternativos (por exemplo, grupos de mídia social, clubes de adesão à terapia antirretroviral online e apoio de pares) que cumpram os requisitos de distanciamento social;
- Aconselhamento telefônico para aqueles com altas cargas virais;
- Capacitar jovens vivendo com HIV/SIDA para cumprir aprendizagem baseada em currículo fora da escola (por exemplo, plataformas online, biblioteca comunitária, ensino em casa);
- Monitorar estigma, discriminação e abusos dos direitos humanos de jovens vivendo com HIV/SIDA durante os bloqueios (GOVENDER *et al.*, 2020).

No concernente às estratégias de nível de sistemas de saúde, estas consistem no fornecimento dos equipamentos de proteção individual e respectivo treinamento para o uso correto e consistente, lavagem das mãos, quarentena obrigatória quando há sinais de infecção, rápido isolamento de casos suspeitos, reduzindo o contacto com os demais pacientes e profissionais, a disponibilização de instruções sobre higiene e etiqueta respiratória em locais visíveis, entre outras medidas que protegem não só o paciente, mas também o profissional e a comunidade, no geral (SUNDE & NIPERIA, 2020).

Para Govender *et al.* (2020), as estratégias envolvem:

- Oferecer cuidados primários de saúde ininterruptos, com vigilância intensificada de SARS-CoV-2;
- Centros de triagem para sintomas de SARS-CoV-2 e COVID-19;
- Continuar a alocar recargas de prescrição de HIV/SIDA e tuberculose de vários meses, enquanto monitora para que não haja falta de estoque;
- Teste de SARS-CoV-2 para incluir avaliação da disponibilidade de medicamentos e adesão a medicamentos entre jovens vivendo com HIV/SIDA;
- Garantir que as instalações de cuidados pediátricos de alto nível estejam disponíveis para pacientes com COVID-19 graves;
- Monitorar pacientes com COVID-19 com alta e recuperados.

Em relação às estratégias políticas, propõe-se que haja aumento de orçamentos para garantir que os programas de teste e tratamento de HIV/SIDA, tuberculose e SARS-CoV-2 sejam intensificados e continuados durante os bloqueios; que a vigilância do SARS-CoV-2 seja integrada aos programas existentes de HIV/SIDA e tuberculose; e aumento da capacidade legislativa para responder aos abusos de direitos contra jovens vivendo com HIV/SIDA durante bloqueios (GOVENDER *et al.*, 2020).

Como se pode notar, na África, cada país foi implementando medidas de prevenção segundo o seu contexto sociocultural e político-histórico, associado com gravidade de infecções e condições sanitárias vigentes. Por outro lado, essas medidas são traçadas sem muita

rigoriedade por se ter consciência de que, nas condições de vida concretas das populações, isso não seria possível, porque traria consequências graves e efeitos adversos perniciosos para a vida social e econômica da população, que na sua grande parte vive em economia de subsistência, incompatível com o confinamento obrigatório (MARTINS & HANSINE, 2020).

Portanto, o continente africano tem enfrentado ascendência no número de casos confirmados da COVID-19 desde que os primeiros casos foram registrados. Os países não têm estruturas adequadas para enfrentar a pandemia, nem as mínimas restrições recomendadas, porque grande parte dos países não consegue seguir a rotina de confinamento por viverem de rendas a partir de trabalho informal, que não traz segurança durante a pandemia, e que pode trazer mais risco devido à exposição. No contexto africano, o confinamento é quase impossível. Além do nível de vida, que é desfavorável, o sistema de saúde é inadequado para atender casos da COVID-19, que exigem cuidados intensivos adequados. Esses desafios acontecem por quase todo mundo.

Por outro lado, em um estudo sobre o impacto da COVID-19 na relação indivíduo-sociedade no Brasil, a sobrecarga de profissionais e sistema de saúde foi destacada como principal preocupação neste período da pandemia. Alguns centros de saúde já estavam quase saturados por outras doenças crônicas muito antes do diagnóstico do primeiro caso da COVID-19. Isso obrigou os serviços de saúde a darem conta de outra parcela de doentes crônicos ainda mais graves pelas sequelas da Covid-19 (COUTO, BARBIERI, & MATOSA, 2021). No entanto, apesar de o primeiro caso da Covid-19 ter sido confirmado no país em 26 de fevereiro de 2020, os efeitos mais severos da pandemia na economia começaram a ser sentidos a partir de março, quando iniciou-se a adoção das medidas de isolamento social (TRECE, 2020).

Os estudos analisados nesta pesquisa destacam o impacto social, econômico, político e psicossocial da pandemia da COVID-19 no continente africano. No setor econômico, a pandemia afetou a produção de alimentos básicos, houve redução na importação e exportação, aumento de dívidas para enfrentar a pandemia, e teve uma forte influência na área do turismo, devido ao fechamento de empreendimentos turísticos, fronteiras, entre outros espaços que permitem uma mobilidade de pessoas de um lugar para outro, utilizando em geral diferentes modos de transporte. Os impactos socioeconômicos são enfatizados por Fernandes e Simões (2020), ao considerarem que a pandemia da COVID-19 representa um choque sobre a saúde pública mundial, com um impacto econômico sem precedentes na história recente, refletindo efeitos adversos tanto do lado da procura como do lado da oferta, generalizados a um conjunto muito alargado de países. Este choque na economia terá efeitos negativos no nível da produção,

do emprego, da produtividade, do sistema financeiro e da confiança dos agentes econômicos, que, contudo, deverão ser mitigados pelas medidas implementadas, quer a nível nacional, quer a nível internacional. A incerteza sobre a duração, magnitude e dispersão geográfica tornam particularmente difícil a quantificação destes impactos na economia (FERNANDES & SIMÕES, 2020).

Além dos setores sociais ora destacados, a pandemia da COVID-19 afetou grandemente a saúde mental e o bem-estar afetivo e emocional das pessoas. O aumento de casos de contaminação e de óbitos pelo vírus, associado às restrições impostas pelo bloqueio, deu lugar a múltiplos transtornos psicológicos e de humor. Como descrevem Ornell, Schuch e Sordi (2020), durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada, tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção. Tragédias anteriores mostraram que as implicações para a saúde mental podem durar mais tempo e ter maior prevalência que a própria epidemia, e que os impactos psicossociais e econômicos podem ser incalculáveis se considerarmos sua ressonância em diferentes contextos (Idem). Esse novo componente não é destacado na nossa análise, apesar de impactar na saúde pública. Na verdade, a pandemia da COVID-19 afeta todas as pessoas (infectadas e não infectadas), tornando-se mais letal quando não há pronta intervenção.

Portanto, muitas empresas privadas nacionais e internacionais sentiram-se obrigadas a fechar as portas, reduzindo, deste modo, a receita, e promovendo o aumento do desemprego. Outrossim, os estudos mostram que, nos ambientes de poucos recursos, como as zonas rurais de África, as famílias que perderam o seu emprego durante o bloqueio da COVID-19 têm maiores dificuldades de fornecer alimentos para suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do novo coronavírus vem desafiando a capacidade das sociedades em responder à crise e outras emergências humanitárias associadas à doença. Na África, os impactos da crise pandêmica sobre as sociedades podem ser devastadores, considerando que muitos países são desprovidos de estruturas e técnicas sanitárias sofisticadas para o enfrentamento da pandemia.

O grau de exposição das populações em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica e sanitária se reflete num crescente exponencial do número de vítimas da pandemia. São visíveis as implicações sociais, econômicas e psicossociais da pandemia da

COVID-19 entre os países africanos, particularmente em refugiados. Essas consequências estão associadas à fragilidade dos países para enfrentar a pandemia.

As sociedades africanas se deparam com sistemas de saúde globalmente precários e de baixa capacidade de responder à situação de larga demanda. Em termos globais, avalia-se que mais da metade da população não tem acesso a serviços de saúde e de bem-estar social adequados: precariedade dos estabelecimentos e dos equipamentos, carência de material e remédios, falta de leitos e de unidades de terapia intensiva, dificuldades de acesso entre outras condições. Essa precariedade dos sistemas de saúde se deve a fatores estruturais e conjunturais. A pandemia do coronavírus pode também prejudicar os programas de luta contra doenças e epidemias preexistentes (HIV/SIDA, tuberculose, sarampo, malária, diabetes entre outras).

No entanto, as políticas, medidas e protocolos adotados na luta contra a pandemia são de difícil aplicação, porque as exigências vão além das condições essenciais, como acesso direto à água limpa deficitária, o que dificulta a adoção das medidas básicas de higiene para evitar a contaminação. Por outro lado, o fechamento das fronteiras internacionais limita grandemente a capacidade dos circuitos formais de transporte de alimentos para garantir o abastecimento alimentar em fluxos contínuos nas cidades africanas.

Portanto, é difícil mensurar os impactos da pandemia da COVID-19 na África. Além da incerteza sobre a cura, os países enfrentam sérios problemas socioeconômicos e de estruturação sanitária. Os centros de saúde não reúnem condições para assegurar o atendimento de pacientes infectados. A população africana vive majoritariamente na base da renda e do mercado informal, dificultando, assim, o processo de confinamento. Essas e outras situações afetam não só a saúde física da população, mas também a vida emocional, psicológica e político-cultural.

Apesar do estudo ter proporcionado uma visão sobre os impactos da pandemia da COVID-19, algumas limitações foram identificadas, como é o caso do estudo se basear em realidades culturais e políticas diferentes, com medidas de prevenção contextuais. Apesar de alguns países comungarem efeitos similares, há certas particularidades entre os países africanos, dificultando, deste modo, uma discussão mais profunda. Em suma, destaca-se a importância da pesquisa por trazer uma visão geral sobre os efeitos da pandemia, o que possibilita discutir estratégias de enfrentamento. Sugere-se, assim, mais pesquisas relacionadas a esta matéria, para o enfrentamento do vírus e dos seus impactos.

REFERÊNCIAS

AJIDE, Kazeem Bello; IBRAHIM, Ridwan Lanre; ALIM, Olorunfemi Yasiru. Estimating the

impacts of lockdown on Covid-19 cases in Nigeria. **Transportation Research Interdisciplinary Perspectives**, 2020, 1-7, 100217. doi:10.1016/j.trip.2020.100217

ANJORIN, A.A. et al. Comorbidities and the COVID-19 Pandemic Dynamics in Africa. **Tropical Medicine & International Health.**, 2020; v. 26, n.1, 2-1313504- doi:10.1111/tmi.13504

ARAFI, Ahmed et al.. Psychological Impacts of the COVID-19 Pandemic on the Public in Egypt. **Community Mental Health Journal**; 2020, doi:10.1007/s10597-020-00701-9

BESSA, M. (2020). Africa's disproportionate Covid-19 pandemic. **E-InternationalRelations**. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2020/06/02/africas-disproportionate-covid-19-pandemic>> acesso em 01 mar 2021.

BUKULUKI, Paul et al. The Socio-economic and Psychosocial Impact of Covid-19 Pandemic on Urban Refugees in Uganda. **Social Sciences & Humanities Open**, 2020, 100045. doi:10.1016/j.ssaho.2020.100045

BUONSENSO, Danilo et al. Social consequences of COVID-19 in a low resource setting in Sierra Leone, West Africa. **International Journal of Infectious Diseases**. 2020, 4282. doi:10.1016/j.ijid.2020.05.104

CHESEREM, Jebet et al. A Continental Survey on the Impact of COVID-19 on Neurosurgical Training in Africa. **World Neurosurgery**. 2020, 1-8; doi:10.1016/j.wneu.2020.11.008

COLOMBO, Sandro; SCUCCATO, Rino; FADDA, Antonello; & CUMBI, Amélia Jossai. COVID-19 in Africa: the little we know and the lot we ignore. **Epidemiologia & Prevenzione**; 2020, 44(5-6) Suppl 2, 408-422. doi: 10.19191/EP20.5-6. S2.146

COUTO, MarciaThereza; BARBIERI, Carolina Luisa Alves; & MATOSA, Camila Carvalho de Souza Amorim. Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. **Saúde e Sociedade**; 2021, 30(1) 1-11. DOI 10.1590/S0104-12902021200450

DE ARANZABAL, Maite et al. COVID-19 y África: sobrevivendo entre la espada y la pared. **Anales de Pediatría**; 2020, 2929, 1-6; doi:10.1016/j.anpedi.2020.07.007

EL-ZOGHBY, Safaa M.; SOLTAN, Enayat M.; SALAMA, Hend M. Impact of the COVID-19 Pandemic on Mental Health and Social Support among Adult Egyptians. **Journal of Community Health**, 2020, doi:10.1007/s10900-020-00853-5

ETTEH, C.C.; ADOGA, M.P.; & OGBAGA, C.C. COVID-19 Response in Nigeria: Health System Preparedness and Lessons for Future Epidemics in Africa. **Ethics, Medicine and Public Health**, 2020, 243-257, 100580. doi:10.1016/j.jemep.2020.100580

FERNANDES, A.F, & SIMÕES, M. Impacto económico da pandemia COVID-19. 2020, BMEP N.º 06, 61-70. Disponível em: <<https://www.gee.gov.pt/pt/estudos-e-seminarios/artigos-category/30364-impacto-economico-da-pandemia-covid-19>> acesso em 16 jul 2021.

GOVENDER, Kaymarlin et al.. Beyond the Disease: Contextualized Implications of the COVID-19 Pandemic for Children and Young People Living in Eastern and Southern Africa. **Frontiers in Public Health**, 2020, 1-9. doi:10.3389/fpubh.2020.00504

GUAMBE, J.J.J. Efeitos da Pandemia de Covid19 sobre o turismo na África subsaariana e em Moçambique. AbeÁfrica: **Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, 2020, 3(3), 59-78. Disponível em:<<https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/35455>> acesso em 01mar 2021.

JANATI IDRISSE, Abdelkrim et al. Sleep quality and mental health in the context of COVID-19 pandemic and lockdown in Morocco. **Sleep Medicine**. 2020, 74, 248-253. doi:10.1016/j.sleep.2020.07.045

KASSA, Melkamu Dugassa, & Grace, Jeanne Martin. Race against death or starvation? COVID-19 and its impact on African populations. **Public Health Reviews**, 2020, 41(30) 1-17, <https://doi.org/10.1186/s40985-020-00139-0>

KIM, Andrew Wooyoung; NYENGERAI, Tawanda; MENDENHALL, Emily. Evaluating the mental health impacts of the COVID-19 pandemic: perceived risk of COVID-19 infection and childhood trauma predict adult depressive symptoms in urban South Africa. **Psychological Medicine**; 2020, 8, 1–13. doi: 10.1017/S0033291720003414

MADANI, Azzeddine; BOUTEBAL, Saad Eddine; & BRYANT, Christopher Robin. The Psychological Impact of Confinement Linked to the Coronavirus Epidemic COVID-19 in Algeria. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 17(10), 1-13. doi:10.3390/ijerph17103604

MARTINS, Helder F. B.; & HANSINE, Rogers. Análise epidemiológica e demográfica da COVID-19 em África. **Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical**, 2020, 19: 7-42; Disponível em:<<https://anaisihmt.com/index.php/ihmt/article/view/353/289>.> acesso em 20 jan 2021.

MOGAJI, Emmanuel. Impact of COVID-19 on transportation in Lagos, Nigeria. **Transportation Research Interdisciplinary Perspectives**, 2020, 6, 100154, 1-7. doi:10.1016/j.trip.2020.100154

MONIÉ, Frédéric. A África subsaariana diante da pandemia de Coronavírus/COVID-19: difusão espacial, impactos e desafios. **Espaço e Economia**, 2020, 18, 1-26. <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.13629>

NYASULU, J., & PANDYA, H. The effects of coronavirus disease 2019 pandemic on the South African health system: A call to maintain essential health services. **African Journal of Primary Health Care & Family Medicine**. 2020;12(1) 1-5. <https://doi.org/10.4102/phcfm.v12i1.2480>

OLOFSSON, H. et al. Can abstract screening workload be reduced using text mining? User experiences of the tool Rayyan. **Research Synthesis Method**, 2017, 8(3), 2017-275–280. doi:10.1002/jrsm.1237

ORNELL, F., SCHUCH, J.B., SORDI, A.O., & KESSLER, F.H.P. Pandemia de medo e covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Editorial, 2020, 1-7, Disponível em:<https://www.academia.edu/42963714/Pandemia_de_medo_e_COVID_19_impacto_na_sa%C3%BAde_mental_e_poss%C3%ADveis_estrat%C3%A9gias> acesso em 16 jul 2021.

OUZZANI, M.; HAMMADY, H.; FEDOROWICZ, Z.; ELMAGARMID, A. Rayyan: A web and mobile app for systematic reviews. **Systematic Reviews**, 2016, 5(210), 2016-1– 10 doi:10.1186/s13643-016-0384-4

PALLANGYO, E., NAKATE, M.G., MAINA, R., & FLEMING, V. The impact of covid-19 on midwives' practice in Kenya, Uganda and Tanzania: A reflective account. **Midwifery**, 2020, 102775. doi:10.1016/j.midw.2020.102775

SOTOLA, D.O., PILLAY, P., & GEBRESELASSIE, H. COVID-19 in Africa: a comparative analysis of early policy responses. **Revista de Administração Pública**. 2020, 55(1), 229-242, Jan. - Feb. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-761220200427>

SUNDE, Rosário Martinho; JÚLIO, Ossula Abílio; & NHAGUAGA, Mércia Armino Farinha. O ensino remoto em tempos da pandemia da covid-19: desafios e perspectivas. **Revista Epistemologia e Práxis Educativa**. 2020, 03(03). 1-11; Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/11176/7075>> acesso em 26 fev 2021.

SUNDE, Rosário Martinho & NIPERIA, Aires de Apriz. Exposição e prevenção à contaminação pela COVID-19 em profissionais de saúde. **Comunicação em Ciências da Saúde**; 2020, 31 (Supl 1)184-194. Disponível em: <<http://www.escs.edu.br/revistaccs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/688/316>> acesso em 26 fev 2021.

TRECE, Juliana Carvalho da Cunha. Pandemia da COVID-19 no Brasil: primeiros impactos sobre agregados macroeconômicos e comércio exterior. **Boletim de Economia e Política Internacional**, 2020, 27 18-36. <http://dx.doi.org/10.38116/bepi27art2>

YANG, Y., ISLAM, M. S., WANG, J., LI, Y., & CHEN, X. Traditional Chinese Medicine in the Treatment of Patients Infected with 2019-New Coronavirus (SARS-CoV-2): A Review and Perspective. **International Journal of Biological Sciences**, 2020, 16 (10), 1708-1717. doi: 10.7150/ijbs.45538